

## CIRCUITOS ARTÍSTICOS: ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Vanessa Nogueira Matos<sup>1</sup>

Laís Leni Oliveira Lima<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal de Jataí/vanessamatos@discente.ufj.edu.br

<sup>2</sup> Universidade Federal de Jataí/ lais\_lima@ufj.edu.br

### Resumo:

Este artigo é resultado de um projeto de pesquisa-ação realizado no ano de 2022 e 2023 numa instituição de Educação Infantil (EI), escola campo de estágio obrigatório da Universidade Federal de Jataí (UFJ), que atende crianças de dois a três anos e onze meses. O objetivo do projeto foi desenvolver o contato da criança com o mundo sensível por meio da Arte, compreendendo a arte como um espaço de experimentação, ampliando o repertório cultural por meio de conhecimentos artísticos vinculados à natureza. A metodologia utilizada foi a pesquisa-ação. Os resultados revelaram que a intervenção pedagógica contribuiu para a formação humana, conseguindo despertar a atenção para diversos tipos de histórias: contos e literaturas infantis; identificar as características de texturas: macio, áspero, liso rugoso, duro e mole; despertar a percepção auditiva ao ouvir diversos estilos de músicas. Entendemos, também, que a organização do trabalho do professor de Arte, deverá ser um trabalho pedagógico contínuo e sistematizado dos conhecimentos artísticos, levando em conta o desenvolvimento desde a mais tenra idade, com mediações intencionais e de qualidade.

**Palavras-chave:** Educação infantil. Arte. Formação Humana.

### Introdução

A intervenção aqui relatada foi um projeto de pesquisa-ação desenvolvido nas disciplinas de Estágio Curricular Obrigatório I e II — Educação Infantil (EI). Os Estágios obrigatórios em EI na Universidade Federal de Jataí (UFJ) possui carga horária de cem horas cada um. Dessas cem horas, oitenta (de cada componente) são dedicadas ao trabalho em campo, as quais se destinam, conforme Plano de Ensino (BRASIL, 2022/2023), à observação da prática pedagógica, acompanhamento da rotina, investigação sobre práticas e desenvolvimento infantil, problematização da realidade escolar, caracterização das unidades escolares, acompanhamento das práticas pedagógicas e elaboração de propostas de intervenção pedagógica. Esse trabalho foi realizado com uma turma Maternal I, com crianças de dois a três anos de idade.

O projeto de intervenção aqui relatado foi composto por oitenta horas. Essas horas

foram divididas para elaboração do projeto, planejamento, leituras, busca de diferentes procedimentos metodológicos e materialização do trabalho. Em função dos limites deste artigo, relataremos aqui, de forma resumida, as intervenções realizadas.

Para desenvolvimento do trabalho foi preciso escolher um tema que oferecesse conteúdos significativos às crianças, propiciando contato com o mundo sensível por meio da Arte. Priorizamos que as atividades ocorressem na parte externa da sala, uma vez que foi observado que a maioria dos trabalhos eram realizados dentro da sala de aula. Com o projeto de intervenção buscamos reafirmar a importância da Arte na EI, demonstrando que ela traz diversas possibilidades de expressões de sentimentos por meio de representações imagéticas (desenhos ou pinturas), sons (musicais e não musicais) e movimentações corporais (danças).

A partir desse tema, buscamos trabalhar todos os campos de conhecimentos, segundo a Base Comum Curricular Nacional (BRASIL, 2017) e o Documento Curricular para Goiás (DC-GO, 2019), que são: “Traços, sons, cores e formas; Escuta, fala, pensamento e imaginação; O eu, o outro, o nós; Corpo gestos e movimentos; Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações”.

O projeto partiu da seguinte problematização: qual é a importância de oportunizar às crianças do Maternal I a ampliação do repertório cultural por meio de conhecimentos artísticos? Sendo as crianças bem pequenas, como podem vivenciar e explorar a materialidade da Arte em toda a sua potencialidade? O objetivo geral foi desenvolver o contato da criança com o mundo sensível por meio da Arte, compreendendo a arte como um espaço de experimentação, ampliando o repertório cultural por meio de conhecimentos artísticos vinculados à natureza. Os objetivos específicos foram: despertar a atenção para o elemento visual cor: cores na natureza e cores em objetos fora de sala de aula, aprimorando a percepção de mundo ao seu redor; perceber que elementos da natureza se modificam com o tempo, trabalhando a capacidade de criar expressões artísticas com materiais orgânicos, compreender noções de espaço e lateralidade ao executar circuitos, identificando noções de dimensão: grande, pequeno, maior, menor, médio, alto e baixo; identificar e nomear cores; identificar diferentes texturas táteis e visuais em diferentes superfícies e imagens de arte e da cultura visual; explorar variados espaços da escola com brincadeiras de dramatizações, como a própria sala de aula, pátio e refeitório.

Para a pesquisa, adotamos a metodologia da pesquisa-ação do tipo intervenção pedagógica, visto que tomamos como objeto de análise uma intervenção desenvolvida numa turma de Maternal I, como já mencionado. Essa metodologia de pesquisa exige, como afirma Franco (2005), um mergulho na práxis do grupo social em estudo, do qual se extraem as perspectivas latentes, o oculto, o não familiar que sustentam as práticas, sendo as mudanças negociadas e geridas no coletivo. Nesse sentido, as pesquisas-ação colaborativas, na maioria das vezes, assumem também o caráter de criticidade, sobretudo, com a imersão do pesquisador no objeto de pesquisa para descobrir as múltiplas determinações concretas que as constituem.

### **Fontes sonoras naturais: os sons da natureza e do corpo**

De acordo com Cunha (2019), durante os estudos sobre o trabalho com a arte na EI, tem-se observado que a ação de pintar se encontra descaracterizada. São postas muitas limitações nas possibilidades que a criança tem entre instrumentos, tintas e formas para construir uma expressão artística visual, por exemplo. Sendo assim, o projeto buscou contribuir para a apropriação de novos significados, sobretudo no que diz respeito ao conhecimento pictórico. Nesse sentido, propusemos atividades em que as crianças tiveram contato com instrumentos diferenciados (galhos, folhas, terra) para expandir o seu repertório artístico. Além disso, oferecemos possibilidades de perceber o quanto os elementos da natureza podem ser modificados, um exemplo disso são as tintas naturais, feitas com folhas ou galhos. Com isso, as crianças manipularam novos materiais, percebendo que podem transformar suas estruturas.

Sendo assim, procuramos trabalhar com práticas pedagógicas de qualidade, que, de acordo com Arce (2013), apresentam preocupações em gerar desenvolvimento nas crianças, sobretudo contribuindo para a formação de conceitos científicos. Isso significa que os conteúdos não são passados de forma inerte, havendo preocupação em inseri-los nos conhecimentos previamente adquiridos das crianças.

O nosso projeto de intervenção foi nosso grande aliado para elaboração dos planejamentos diários. O desenvolvimento metodológico seguiu um dos principais objetivos,

que era o de levar as crianças para o ambiente externo da sala, levando-as a observar aspectos presentes na instituição. Mesmo sabendo da importância do estabelecimento de uma rotina na instituição, como afirma Silva (2011), muitas vezes o momento do estágio em campo se constitui mais como momento de reflexão teórico-prático; mais como um momento de aprender do que de transformar a escola, dados seus limites de tempo e espaço. Nesse sentido, a rotina de atividades diárias, em alguns momentos pode limitar o desenvolvimento de algumas experiências, pois, se de um lado sua estrutura permitia às crianças conviverem na instituição em clima de segurança em relação aos acontecimentos diários, por outro lado, o tempo proposto para cada momento, parecia ser muito curto. No desenvolvimento do projeto isso ficou mais evidente.

Com a dinâmica de tantas funções a serem desenvolvidas na instituição, aos poucos, fomos compreendendo que as situações significativas podem surgir em todas as ações, assim, aproveitamos o pouco tempo do horário que tínhamos no espaço externo da sala de aula para materializarmos nossas propostas.

Segundo Pimentel (2010, p. 24), “ensinar arte significa possibilitar experiências e vivências significativas em fruição, reflexão e elaboração artística”. Dessa forma, podemos afirmar que é necessário que ao ensinar arte, o profissional possua uma base teórica, que servirá tanto para conhecer os caminhos trilhados pelas crianças como para proporcionar momentos significativos que irão possibilitar novos processos individuais e coletivos. Portanto, torna-se necessário que o professor crie oportunidades para que as crianças possam explorar e manipular materiais com diferentes texturas e espessuras. No caso do referido projeto de intervenção, as crianças tiveram oportunidade de manipular materiais variados, como tintas diversificadas, água, areia, terra, argila, explorando cores, texturas, superfícies, planos, formas e volumes ao criarem objetos tridimensionais.

Objetivando desenvolver a percepção espacial/temporal, uma das atividades realizadas foi a do circuito com desafios (figura 1). Esta atividade consistiu em colocar elementos naturais (galhos, pedras) e sintéticos (bambolê, fitas), para criar dificuldades em que as crianças deveriam saltar, se equilibrar, andar linearmente ou em labirinto. A expectativa foi que as crianças fizessem parte da construção deste circuito, contribuindo para a percepção de

superfícies planas (ou não), texturas e volume, bem como para que as crianças pudessem adquirir independência, oferecendo a elas segurança.



Figura 1: circuito com desafios

Na execução do percurso, observamos que, de maneira geral, a maioria das crianças estavam bastante agitadas pela sensação de liberdade estando fora da sala de aula, dificultando um pouco a organização, porém, a maioria delas fizeram tranquilamente o circuito com o auxílio das professoras estagiárias.

Ao realizar um circuito fora da sala de aula buscamos o contato das crianças com a natureza, uma vez que brincar em um lugar que possui contato com o natural faz parte essencial do desenvolvimento integral das crianças em sua primeira infância. O contato com os elementos da natureza, com folhas, terra, flores e com outras crianças, esta pode desenvolver a sociabilidade e até mesmo sua condição motora, visto que:

A criança, ao ser estimulada pelos adultos de maneira intencional, vai, aos poucos, sendo conquistada a interagir e, assim, cada vez mais [...] será despertada sua capacidade de concentração, abrindo-se, portanto, caminho para formas mais complexas de atenção, que dessa forma, desenvolve-se por meio da exploração do ambiente no qual a criança se insere e precisa da mediação, da ação intencional do adulto a guiá-la, a provocá-la constantemente. (ARCE; SILVA; VAROTTO, 2011, p.41).

Nesse sentido, as crianças puderam desenvolver a curiosidade sobre os assuntos que eram abordados, fazendo com que o conhecimento dos fenômenos fosse alcançado de maneira

científica. Acerca disso, Marsiglia (2011, p. 39), afirma que “as crianças manifestam o desejo de conhecer os fenômenos que as rodeiam, especialmente quando se deparam com algo desconhecido que as colocam em contradição com suas concepções anteriores sobre o tema”.

De acordo com Farias *et al* (2010), a melhor maneira de estimular na criança o interesse por criações artísticas seria por meio da organização do ambiente educativo (sala de aula) de maneira com que a criança consiga expressar sua criatividade, com um ambiente favorável à liberdade artística. Ao longo do estágio fizemos várias tentativas de propiciar um ambiente que oferecesse às crianças diferentes oportunidades de exploração; mesmo quando as aulas eram realizadas dentro da sala de aula, procurávamos propor espaços para que elas ampliassem a capacidade de exercitar a autonomia, a liberdade, a iniciativa, a livre escolha.

### **Que bicho é esse? Sons, ritmos e a expressão corporal**

Em outro encontro de regência, nosso objetivo foi conhecer os sons produzidos por si mesmo, consciente e inconscientemente; expressar, corporalmente, diferentes tipos de objetos e animais variados. Dessa forma, escolhemos a história literária infantil, “Que bicho é esse?”, a qual contém um enredo simples, mas explora os sons produzidos pelo corpo, além de estar relacionada a animais e a identificá-los por suas características. Durante toda a contação da história, as crianças se mantiveram atentas e concentradas, o que pode ser considerado como um diferencial em relação às aulas anteriores nas quais as crianças facilmente se distraíam.

Logo após a contação de história, colocamos músicas que identificavam e exploravam o corpo, os movimentos e os gestos que o animal e o ser humano podem fazer. As crianças interagiram com as músicas e todas participaram da atividade, demonstraram domínio em executar os comandos das músicas, como, dançar, fingir estátua, balançar o pé, a perna, a cabeça, dentre outros movimentos.

Paralelo a esse trabalho mencionado, montamos um pequeno circuito com galhos para que as crianças o executassem. A maioria não conseguiu realizar na primeira tentativa, mas, com a ajuda das professoras estagiárias, se sentiram desafiados a outras tentativas até alcançarem o objetivo de conseguir pular de diferentes formas. Muitas crianças conseguiram alcançar o objetivo, pulando os galhos, enquanto outras desenvolvem estratégias para tal feito:

algumas apenas andaram por cima dos galhos, por exemplo. Independente da forma com que as crianças realizaram o circuito, foram aplaudidas e incentivadas a continuar, uma vez que o objetivo era perceber os obstáculos e “vencê-los”; não havia regras sobre pular ou andar sobre eles.

Com o passar de alguns minutos, as próprias crianças já estavam se organizando para realizar o circuito e percebemos que muitas conseguiram, sem dificuldades. E foi nesse momento que aumentamos a dificuldade e colocamos os galhos juntos, assim, quem fosse pular os galhos, teria que aumentar sua força e pular ainda mais alto para superar os três galhos. A realização da experiência pode ser observada na figura 2.



Figura 2: circuitos com diferentes obstáculos

Nesse dia também planejamos uma “volta” ao redor do CMEI. Durante o trajeto, as crianças foram incentivadas a observarem o ambiente – árvores, flores, a grama alta, entre outros elementos. Arce, Silva e Varotto (2011, p. 41), afirmam que:

A criança, ao ser estimulada pelos adultos de maneira intencional, vai, aos poucos, sendo conquistada a interagir e, assim, cada vez mais [...] será despertada sua capacidade de concentração, abrindo-se, portanto, caminho para formas mais complexas de atenção, que dessa forma, desenvolve-se por meio da exploração do ambiente no qual a criança se insere e precisa da mediação, da ação intencional do adulto a guiá-la, a provocá-la constantemente.

Sendo assim, nós estagiárias – no papel de docente – fizemos constantemente

provocações quanto à observação do ambiente natural da instituição. Nessa aula, muitos dos objetivos do projeto de intervenção, por nós elaborado, foram contemplados, especialmente o objetivo geral que busca, essencialmente, desenvolver o contato da criança com o mundo sensível por meio da Arte, compreendendo a arte como um espaço de experimentação.

Realizamos também pintura no papel pardo (faixa grande colada no chão). Esse trabalho consistiu em utilizar as mãos das crianças como carimbo, e um dos objetivos era que as crianças conseguissem realizar o espelhamento das mãos sem nomear esquerda/direita, mas iniciando o processo de percepção de que as mãos são espelhadas (figura 3).

De acordo com o planejamento, a tinta a ser utilizada era aquela derivada de elementos naturais (beterraba, semente de abacate, couve), no entanto, por dificuldades técnicas, não foi possível realizar tal ação. As tintas foram produzidas alguns dias que precederam a aula, mas o tempo não foi suficiente para pigmentar no papel pardo. Dessa forma, foi utilizada tinta guache para realização da atividade.



Figura 3: pintura das mãos no papel

Enquanto fazíamos esse carimbo das mãos, perguntávamos a cada criança se conheciam aquela cor, se sabiam nomear as partes corporais e, principalmente, se conseguiam relacionar a mão à imagem.

Em seguida, levamos as crianças para o ambiente externo da sala de aula, em que foram entregues um giz para cada criança para que elas desenhassem no chão de forma espontânea. Observamos com as crianças as linhas deixadas por rastros e gestos em diferentes

suportes e superfícies.

### **Considerações finais**

Com a finalização desse projeto de pesquisa-ação/intervenção, compreendemos que a criança precisa vivenciar e explorar a materialidade em toda a sua potencialidade, desde seus primeiros anos de vida. O planejamento dos conteúdos se deu por meio do entendimento de que os conteúdos não deveriam ser passados de forma inerte, mas sim de maneira com que pudesse haver preocupação em inseri-los nos conhecimentos previamente adquiridos das crianças.

Uma de nossas principais motivações com o planejamento e materialização deste projeto foi a de apresentar às crianças do Maternal I o quanto os materiais naturais podem ser transformados em ferramentas para produções artísticas, alertando também que alguns materiais podem ser reaproveitados e transformados. Durante o planejamento houve também a preocupação em trabalhar conceitos científicos, dessa forma, todos os materiais utilizados foram nomeados e apresentados adequadamente.

Em suma, compreendemos que a arte é uma atividade humana por meio da qual os indivíduos conhecem e transformam o mundo no qual estão inseridos. Podemos afirmar que a arte está ligada às relações sociais estabelecidas em cada período histórico, não sendo uma cópia da realidade objetiva, porém, um produto cultural que é transformado e contém as mais complexas atividades mentais, decorrentes da ação criativa, constituindo-se, também, como agente transformador. Ao ensinar Arte na EI devemos oportunizar às crianças o desenvolvimento de seu repertório cultural, por meio de saberes artísticos mais complexos, de maneira que as crianças possam usufruir de um amplo diálogo com o universo cultural da humanidade por meio das diversas linguagens artísticas como as artes visuais, que são a dança, música e teatro, assim como seus conteúdos intrínsecos, levando em consideração que grande parte da população não tem acesso ou não usufrui dessas formas de arte.

Conforme nossa experiência e estudos durante o curso de Pedagogia, torna-se possível destacar que a criança necessita dessa experimentação, dessa vivência e dessa exploração da materialidade em toda a sua potencialidade, mesmo em seus primeiros anos de vida. Nesse sentido, enquanto docentes em nosso período de regência, tivemos como foco principal

organizar situações bem elaboradas para que as crianças pudessem manipular, sentir, ver e conhecer os mais diversos tipos de materiais. Essas experiências nos fizeram compreender a importância de olharmos menos para os resultados e mais para o processo e dessa forma, foi possível vermos cada vez mais a criança como sujeito que pensa e é capaz de revelar o que sabe sobre o mundo a sua volta.

## Referências

ARCE, A. É possível falar em pedagogia histórico crítica para pensarmos a educação infantil?. **Germinal: marxismo e educação em debate**, Salvador, v. 5, n. 2, p. 5-12, dez. 2013.

ARCE, A.; SILVA, D. A. S. M.; VAROTTO, M. **Ensinando ciências na Educação infantil**. Campinas, Alínea, 2011.

BRASIL, **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017.

BRASIL, **Plano de Ensino – Estágio Curricular Obrigatório II – Educação Infantil**. Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Jataí, Faculdade de Educação. Jataí, 2022/2023.

CUNHA, V. S. R. Como vai a Arte na Educação Infantil? **Revista Apotheke**, Florianópolis, v. 5, n. 3. p. 10-24, 2019.

DC-GO. **Documento Curricular para Goiás (DC-GO)**. Goiânia: CONSED/UNDIME, 2018.

FARIAS, A.A.; BRITO, F. E. B.; REIS, M.S.A.; GARCIA, J.S.B.L. Aprender e criar segundo Vygotsky: uma revisão da literatura. **Revista de Psicologia**. Jabotão dos Guararapes, v. 1, n. 12, p. 97-103, 2010.

FRANCO, M. A. S. Pedagogia da pesquisa ação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502, set./dez. 2005.

MARSIGLIA, A. C. G. **A prática pedagógica histórico-crítica: na educação infantil e no ensino fundamental**. Campinas: Autores Associados, 2011. p. 35-60.

PIMENTEL, L. G. O ensino de arte e a formação de professores. In: FRADE, I. C. A. da S. (Org.). **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 177-187.

SILVA, N. R. G. **Estágio supervisionado em Pedagogia**. São Paulo: Alínea, 2011. p. 20-34.